

# **RESPOSTA AS "NOTAS PARA A DISCUSSÃO - EM TORNO DO PROGRAMA MÍNIMO DA FER" (PROPOSTA DA GB-DISSIDÊNCIA)**

Realizamos uma primeira discussão em torno dos problemas da FER, onde representantes da Dissidência da Guanabara e o Núcleo Marxista-leninista em processo de fusão. A formalização do contato entre as nossas Organizações e a sistematização dos debates revelou desde o início que ainda persistem entre nós certo desconhecimento de posições, fato que pode alimentar mal-entendidos e criar dificuldades gratuitas para futuros entendimentos. Desejamos, portanto, clarear aqui alguns de nossos pontos de vista. Além disso, porém, não há dúvida, existem divergências de concepção, o que tem que ser deixado claro, sem subterfúgios, como único meio de sua superação em debates abertos e fraternais. Tentaremos em seguida definir alguns dos pontos fundamentais, como surgiram nos presentes debates. E esperamos desenvolvê-los nos próximos encontros.

## **A CONCEPÇÃO DA FER**

Em primeiro lugar, temos de dissipar alguns mal-entendidos sobre o caráter da FER, tal como tínhamos proposto em sua forma original. Tínhamos encarado a FER em dois níveis. O primeiro visou tirar as consequências práticas da luta interna do PCB, que tinha chegado a um ponto de saturação.

Propusemos como primeiro passo a união das facções de esquerda, das Dissidências que tinham se formado na luta interna, com a PO. Propusemos uma frente única de facções comunistas que visava a formação de um organismo partidário, em escala nacional, em torno dos pontos programáticos, isto é, de princípios marxista-leninistas aplicados à realidade das lutas de classe no país. Este primeiro passo, visava, pois, a criação de um núcleo marxista-leninista, o que permitiria, em seguida, formar a Frente da Esquerda Revolucionária com organizações e grupos do Centro, grupos ainda não definidos e parte da chamada Corrente, criando dessa maneira um instrumento da luta de massas no país. A FER, a longo prazo, só se justifica para nós como instrumento da luta de massas proletárias, isto é, como a frente única proletária, que permita a mobilização do potencial revolucionário da classe operária. Acreditamos que isso já cria um campo de ação comum para nossas duas organizações. Mas queremos deixar claro que o convite original feito aos companheiros da Guanabara no sentido de uma participação no Núcleo não foi feito em detrimento da FER como instrumento para o trabalho de massa. Nós, simplesmente, não encaramos a Dissidência da Guanabara no mesmo nível da Corrente de Minas, por exemplo.

Em segundo lugar, temos de deixar claro aqui que a fase da FER programática está superada para nós. Quase todas as bases da PO e da Dissidência gaúcha já se pronunciaram a favor da fusão e pela criação de um organismo partidário. E, desde já, a nova organização se apresenta em escala nacional como Núcleo Marxista-Leninista. A FER como nos preocupa daqui em diante, é a FER à base de um programa de ação, como instrumento de mobilização da classe operária.

Isto tem algumas implicações. Antes de tudo, não podemos acompanhar a terminologia dos companheiros, de uma FER "estratégica". Esta classificação não corresponde à realidade dos fatos principalmente em vista dos problemas que os companheiros levantam (partido, luta armada, luta de massas, etc.) as quais pressupõem uma boa parte de concordância sobre questões de ordem estratégica.

Além disso, a FER, como frente única proletária, não pode ser vista meramente como medida em direção à formação do partido. Ela preparará o terreno para o surgimento do partido, não há dúvida, mas não pode ser encarada unicamente sob esse ângulo. Ela tem a sua razão de ser como Frente ou bandeira de uma Frente, que visa mobilizar o proletariado como classe e faça sentir o seu peso na luta política. Ela deve reunir forças proletárias, vanguarda e massa, comunistas, sindicalistas inconformados, como grupos operários sem filiação política, mas que se colocam no terreno da luta de classes proletária. Encarar a FER sob um ângulo partidário, seria justamente tirar o seu aspecto de Frente Única e limitar o seu campo de ação.

Vejamos a realidade dos fatos. No presente momento, após a definição das bases correntistas de Minas para o campo dos "debrayistas", restringiu-se novamente o número de organizações dispostas a um trabalho político no seio da classe operária. A FER pode ser criada ainda formalmente pelo Núcleo, a Dissidência da Guanabara e alguns grupos que surgiram tardiamente em consequência da luta interna,

mas que em sua maioria tem consciência da precariedade de sua existência. Essa constelação de forças ainda não justificaria a Frente Única Proletária. O que a justifica é um programa de ação e de luta, que nos permita entrar em fábricas, sindicatos e bairros, que nos possibilite apresentar constantemente às bases da Corrente e do Partido uma alternativa revolucionária à sua política. O que justifica a FER é um programa de ação, em seu todo e em partes, circulando e penetrando na classe operária, tomando vida própria, e que atue além das limitações das nossas forças físicas como organizações. Temos de ter consciência que, em virtude das relações de forças existentes, a FER sairá ainda como uma bandeira de uma Frente. Mas ela se tornará frente das massas na medida em que suas reivindicações penetrarem no proletariado.

## **FER E PARTIDO**

Acreditamos que neste sentido temos de distinguir o papel da FER da frente única proletária e do Partido. A luta pelo partido deve ser travada conscientemente e em outro nível. Nesse sentido, concordamos com os companheiros quando dizem que "os futuros quadros do POR não são necessariamente os atuais quadros que compõem a FER em sua totalidade." Não podemos, porém, tirar as mesmas conclusões dessa verdade.

Julgamos que o problema da formação do partido, como está exposto nas "Notas", está sendo formulado de uma maneira espontaneísta, que não ajuda a enfrentar a questão. Evidentemente, querendo, pode se encontrar suficientes argumentos para não querer formar um partido hoje. Mas nós não formamos um partido. Nossa fusão criou uma organização partidária que melhora as condições de luta por um partido proletário. Representa um passo em direção a nosso partido. Os argumentos dos quais os companheiros lançam mão para constatar que a fusão era "um passo apressado" não convence, nem em vista das necessidades da luta atual, nem em vista de experiências históricas anteriores. O PC chinês - para citar um caso extremo - foi fundado por 57 militantes, vindos de seis províncias de um país de então 400 milhões de habitantes. O que fez aquele grupo para se tornar um partido que 25 anos mais tarde tomou o poder, foi, entre outros pontos, ter desenvolvido uma "prática social revolucionária" no quadro de uma organização partidária, a base de um centralismo democrático, em escala nacional. Foi essa predisposição, esse saber-o-que-querer, que permitiu aos revolucionários chineses, apesar de todos os erros cometidos, criar raízes nas massas e transformar a sociedade. Mas o que permitiu a eles tomar esses rumos era o fato de terem possuído uma concordância básica sobre os princípios revolucionários que souberam levar às massas.

A formação de partidos revolucionários da classe operária, nos mais diversos níveis em que se deu, foi sempre o resultado do encontro da teoria revolucionária com o movimento operário. Os partidos foram resultado da penetração do marxismo, e mais tarde do marxismo-leninismo no proletariado. Mas não de um marxismo-leninismo abstrato, como profissão de fé, e sim aplicado concretamente às condições de cada país.

Partindo dessas premissas, as facções leninistas que se formaram na esquerda brasileira, - desde a fundação da PO - estiveram empenhadas em criar as bases revolucionárias para o movimento operário. (E nesse sentido achamos injustificada a generalização do "baixo nível político e ideológico das "00." que compõem a FER). Se houve possibilidade para uma fusão, é porque mais de uma facção chegou às mesmas conclusões teóricas. E essa unidade cria as premissas para uma prática revolucionária comum.

É justamente esse aspecto da questão - da elaboração de uma teoria revolucionária - que, ao nosso ver, ainda não mereceu a devida atenção dos companheiros da Dissidência da Guanabara. Um sintoma evidente do completo desconhecimento que reina em seu seio sobre os debates que levaram à fusão e sobre as posições que o Núcleo defende.

Outra é a existência de pelo menos três colocações de princípios na Dissidência carioca, as quais hoje divergem mais entre si do que a PO com a Dissidência Gaúcha, nos seus primeiros contatos.

Sabemos que o atraso dos companheiros nos debates dos problemas vitais se deve em parte à luta interna que teve de travar com tendências correntistas. Tendo mantido por longo tempo uma discussão inútil sobre como entrar para a corrente, pautada na ilusão a respeito do seu caráter revolucionário e da possibilidade do seu desenvolvimento, não aprofundou, pelo menos ao nível das exigências atuais, como se constata pela resolução da sua última conferência e das "Notas", a questão essencial de uma vanguarda marxista-leninista - a dos fundamentos teóricos, que permita de fato desenvolver uma prática "social revolucionária".

## **PROGRAMA DE AÇÃO DA FER**

Tomando conhecimento das propostas que os companheiros nos encaminharam a respeito do programa de ação da FER, achamos: a) que ainda se conservam em termos gerais, não levando em conta os problemas fundamentais e principais da luta; b) que não ficou clara a distinção entre FER e P.

No que diz respeito à FU, achamos abstrata demais essa noção. Tratar-se-á de uma FU proletária? Então a única maneira de realizá-la é a própria FER. Se não for de caráter proletário, quais são então as forças sociais que a compõem?

Para chegar a uma definição do programa, temos de ter clareza sobre os problemas imediatos e a prazo que o movimento revolucionário enfrenta. Achamos que a questão fundamental da luta de classes no país reside na situação do proletariado. Achamos que a característica fundamental da presente situação (e desde antes do golpe) está na falta de uma classe operária independente. Independente no sentido político, ideológico e organizatório. Som a formação desse proletariado como classe, a longo prazo, não haverá polo em torno do qual se possa mobilizar o potencial do campo e da pequena-burguesia radical nas cidades.

Achamos, portanto, que o programa da FER deve deixar claro os objetivos da luta proletária. Concordamos nesse sentido com os pontos A e C elaborados nas "Notas", mas gostaríamos de saber melhor o que os companheiros entendem por um novo Estado que não está sendo aí definido. Trata-se da ditadura do proletariado ou de um governo revolucionário de transição?

Para chegar a esses objetivos, temos de partir, todavia, dos problemas da luta atual. O ponto do partido, da FER tem de tomar a deixa da luta que o proletariado começa a travar contra o rebaixamento de seu nível de vida por parte da Ditadura. Temos de partir das lutas diárias e locais das massas trabalhadoras, procurando imprimir-lhes uma orientação nacional, transformando-as num movimento de classe, organizadas nos centros de produção. Temos de aprender a travar no seio da classe a luta política e ideológica, que a transforma e torna capaz de exercer a hegemonia no processo político. Para isso, o programa da FER tem de levantar e detalhar as reivindicações materiais e políticas da classe.

É sob este ângulo fundamental que temos de encarar igualmente a questão da pequena-burguesia. Esta como classe, evidentemente, não fará a revolução. Ela adere - pelo menos a sua parte proletarizada - ao movimento da classe operária, quando este está em ascensão e promete perspectivas para a solução dos seus problemas. Finalmente existe um setor específico da classe média, o movimento estudantil, que não é apenas sua parte mais radical, como também a que fornece maior número de quadros para o movimento revolucionário.

Concordamos com os companheiros, quanto aos métodos expostos para combater a pequena burguesia, mas achamos que neste estágio da luta, essas preocupações devem ser secundárias para nós. Em primeiro lugar trata-se de uma questão de simples economia de recursos. A esquerda revolucionária ainda não dispõe dos meios exigidos pelas necessidades da luta proletária propriamente dita e é nesse terreno que devemos concentrar todas as nossas forças. Em segundo lugar, enquanto não houver um movimento operário revolucionário, todas as tentativas de penetração na classe média se tornarão um trabalho do Sísifo por falta de uma infraestrutura natural do movimento.

Diferente é a situação diante do movimento estudantil, que toma um lugar especial em nossa sociedade. Acreditamos que é nesse ponto que temos menos dificuldade em definir uma posição comum, já consagrada, em parte, por uma prática comum. Só queremos chamar a atenção dos companheiros, que mesmo a fórmula de anti-imperialismo radical pode se prestar a diversas interpretações, e isso tem de ser levado em conta na formulação das reivindicações. Ao nosso ver, o anti-imperialismo será consequente quando se basear na denúncia entre burguesia brasileira o capital imperialista; quando não deixa dúvida que somente a derrubada das nossas classes dominantes permitirá uma emancipação do país do domínio imperialista.

## **A QUESTÃO DA LA**

Concordamos igualmente com os companheiros que há tarefas iniciais e básicas de preparação de quadros militares que podem ser encaminhadas por organizações que compõem a FER. O que limitará o desdobramento dessas tarefas para um nível superior são a nosso ver dois fatores: a) uma intensificação, dos preparativos nesse campo supõe compromissos disciplinares que somente um centralismo democrático pode garantir - estrutura que a FER não está em condições de oferecer - e, b)

uma intensificação dessas atividades pressupõe uma concordância política sobre a estratégia da luta armada a seguir.

Acreditamos, como mostram as últimas resoluções dos companheiros a nosso respeito, que a Dissidência da Guanabara ainda não aprofundou os debates em torno dessa questão. Esperamos que a discussão iniciada leva a clarear as posições.

### **CONSIDERAÇÕES GERAIS**

Concordamos que as propostas sobre a estrutura organizatória da FER. Achamos que o comando da Guanabara deve ser formalizado desde já, assegurando o seu funcionamento, para dar início a um levantamento das tarefas no Estado. No que diz respeito ao comando nacional, julgamos que não poderá funcionar de fato, se não for simultaneamente um órgão político de direção, embora todas as medidas, sejam elas, políticas ou administrativas, tenham de ser tomadas por unanimidade, para poder ser postas em prática.

Finalmente queremos informar que a "Nota para a Discussão", acompanhada da presente resposta, será baixada para todas as células do NML, para um debate de posições, e que todos os futuros documentos a respeito do assunto sofrerão o mesmo tratamento. Esperamos que os companheiros orientem o debate em suas bases no mesmo sentido e que esta discussão ajude a ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA a dar um passo na interpretação da realidade nacional para a sua mudança.

Saudações Comunistas

O Executivo Nacional do NÚCLEO MARXISTA-LENINISTA